

CAOS



LOVE
PRAY
CAUTION
ITS MAY BE
AGIOU

ORDER NO: S...

seja marginal
seja herói

UMA REVISTA SOBRE ARTE DE RUA

ÍNDICE

01



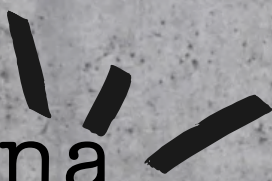
Por que a arte de rua?

02

Eco civil

03

Arte urbana



ARTE

05



no Papel

10



Arte Falada

15

Arte no Muro



POR QUE A ARTE DE RUA?

CAOS é uma e-zine que tem como objetivo retratar a arte de rua brasileira em suas mais diversas formas, utilizando a cultura, linguagem e arte como sua essência e identidade visual.

Tendo a rua como meio de expressão e espaço de contato entre milhares de pessoas, a e-zine busca demonstrar como a rua se faz palco para esse contato, para a vontade inata de expressão dos seres humanos e como a arte se faz em qualquer lugar, não se limitando a espaços tradicionais de exposição, como museus e galerias de arte.

Além disso, discute-se também seus limites e o que pode ou não ser considerada uma produção artística. Dessa forma, assim como a rua não escolhe quem a utiliza como tela, a CAOS também não se limita em relação a seu público alvo, tendo como objetivo levar a arte de rua brasileira para os holofotes, garantindo a visibilidade que muitas vezes não recebe de seu próprio público.



EGO CIVIL

Andar pelas ruas e ver prédios, carros, homens de terno, sirenes, fuligem, restaurantes fast food, outdoors, semáforos, lojas, canteiros de obras, botequins, gente apressada, cartazes de liquidação, pontes, vendedores ambulantes, vidraças reluzentes, fumaça, viadutos, manequins, placas, buzinas. E diluído a tal cenário de claro caos ser possível ver marcas das pessoas e da cultura que estas produzem, por meio dos grafites nos muros, dos malabares na avenida, do sujeito que toca violino entre as estações de metrô, do lambe-lambe lirista colado nos postes.

Quem são tais artistas anônimos? Que misturam-se na paisagem transformando-a, trazendo humanidade para a concretude amorfa. “É gente como a gente”, no sentido literal da sentença, expondo seus problemas, suas angústias, teus protestos, que não irão parar nos jornais, muito menos nos museus. O som dos poetas marginais grita e ecoa no convívio das edificações e toma a cidade. Se engana quem pensa que aqueles que escrevem nas paredes estão "buscando espaço", o espaço já é deles, incorporando a cidade tanto quanto a fachada do escritório de advocacia, além da arte possuir por si só um destaque natural. A rua é meio de expressão, de latência, de pungências das demandas que vão de estátuas vivas à intervenção no pátio do colégio. O cimento transpira o anseio humano de construção e reconstrução do eu e nós, transpassando não só as passarelas, mas também os seres.

A rua é nossa.

Luana Giacon



ARTE URBANA

A arte produzida antes da década de 70 e que utilizava a rua como meio de exposição, voltava-se para a reiteração do poder hegemônico do Estado (a exemplo de estátuas de imperadores, na Roma Antiga, e a reafirmação dos ideais de beleza da época na Grécia antiga). É ao final do século XIX que a rua se torna um espetáculo de treinamento visual. Há sempre algo a ser visto nos grandes centros urbanos que irá concretizar o chamado “cidadão voyeur”.

A partir da década de 1970, resultado das efervescências político-sociais no mundo causadas pela década de 1960, as sociedades capitalistas se depararam com um novo fenômeno no campo das artes. A street art surge nos Estados Unidos com o objetivo de chocar os sentidos emocionais e lógicos dos cidadãos urbanos medíocres que se contentavam com sua rotina numa sociedade capitalista exploradora.

Grafites, frases curtas que levantam questionamentos, danças sem limites, saraus e poesias visuais dominaram a malha urbana, atribuindo sentido às vivências na cidade.

Essa nova forma de se pensar e fazer artístico logo se espalhou por vários continentes e atingiu, principalmente, aquelas nações que no momento sofriam com a coerção militar da operação condoreira. O crescimento das regiões periféricas brasileiras, em decorrência da econômica neoliberal, tornou-se a terra ideal para a germinação dessas ideologias de contracultura. Logo, populações à margem de centros culturais, como museus, galerias, cinema e teatros, produziram a sua própria forma de arte.

A juventude do movimento e as técnicas informais de criação ajudaram a efervescer o debate em torno do que é arte. A grande persistência do questionamento no nosso cotidiano, quando pegamos um ônibus para o trabalho ou faculdade, e nos deparamos com diversos grafites e frases em muros, instigam-nos a duvidar se estas obras nos impactam na mesma medida em que uma obra de Da Vinci.

Arte de rua: objetos-resistência.

O movimento de arte urbana (street art) no Brasil.

A resposta para tal questionamento envolve uma complexa discussão acerca de diversos âmbitos da existência em sociedade e não pode ser definida como absoluta, mas uma coisa é certa: a arte de rua, assim como a clássica, tem o poder de causar reflexão, desconforto e deslumbramento. A falta de apoio do Estado e da elite intelectual em reconhecer a arte de rua como arte enfraquece e marginaliza as passadas, presentes e futuras obras realizadas em torno desta vertente. A arte urbana se propõe a não somente interrogar

a ordem pública, mas também o próprio conceito de público.

Nela, não há estéticas específicas, lugares delimitados de exposições ou limites, a rua basta. Grafites, poesias urbanas, lambe-lambes, performances, instalações, batalhas de rima e poesias cantadas estão em destaque nas inúmeras formas de expressão artística nas ruas.

Em março de 2009, o governo brasileiro aprovou a lei 706/07, esta que descriminaliza a arte de rua e os grafites, desde que haja conscientização do proprietário do local em que foram feitos.

Cláudio Roberto



"Mardi gras" by cobblucas is licensed under CC BY 2.0.

POESIA MARGINAL

Poesia
Eu não te escrevo
Eu te
Vivo
E viva nós!
Cacaso

Destaco, de início, esta poesia de Antônio Carlos de Brito, um dos grandes poetas da geração da poesia marginal, com o intuito de discorrer sobre o papel desse movimento e seu impacto na sociedade.

Herdeira de dogmas da poesia concreta dos anos 1950, a poesia marginal irá se transformar em um movimento a partir da década de 1970. Junto ao florescimento das artes urbanas, esta “Escola” nada acadêmica germina seus ideais na rua e na dinamicidade.

Diante do contexto histórico brasileiro, o auge da ditadura militar e da censura, as novas formas de interpretar o mundo seguiram um padrão de contracultura e de vulgaridade, a decadência da humanidade é o objetivo dessa expressão. Surgia aqui um novo jeito de fazer poético, uma nova técnica, esta é a não-técnica; ou seja, a predominância da informalidade, da ironia e da simplicidade das palavras de seus autores que contém um enorme peso de dúvida sobre a vida mecânica na cidade.

Estruturas semânticas rápidas e livres dominaram a paisagem urbana, seja pelo conjunto verbal ou pelo conjunto verbo-visual que este fazer poético prometera. A língua está viva e não conservada, este é um dos grandes lemas que estes poetas transcenderam ao nosso contemporâneo. Surgiu-se então um grande embate, a repressão da classe acadêmica conservadora diante do movimento. abaixo um poema de Paulo Leminski:

um dia
a gente ia ser Homero
a obra nada menos que uma iliada.
depois
a barra pesando
dava pra ser aí um rimbaud
um ungarretti um fernando pessoa qualquer

um lorca um eluard um ginsberg
por fim
acabamos sendo o pequeno poeta de província
que sempre fomos
por trás de tantas máscaras
que o tempo tratou como a flores.

A presença de ironia com os textos cânones da academia é evidente. Leminski brinca com um dos nomes mais tradicionais da poesia ocidental, Homero, e da literatura portuguesa, Fernando Pessoa. Todos nós sempre quisemos ser cânones, mas a verdade é que sempre fomos uma multidão de poetas no conglomerado urbano. Aqui, ele tem orgulho de ser um pequeno poeta, um poeta experimentalista, um poeta que brinca com as palavras, mas de forma livre e totalmente autêntica. Ele não precisa da aprovação de uma bancada editorial para a publicação de suas obras, ele mesmo as publica, o poeta é o próprio patrão. Por fim, todo esse movimento terá impacto visto nos dias atuais, seja na inspiração de novos meios de fazer poético urbano, seja nos novos artistas; até a contemporaneidade há o debate se esta vertente de poetas ou se esses poetas poderiam ser considerados artistas, a origem e o furdunço desses debates só refletem aquilo que a poesia marginal surgiu, a confusão. Quando uma vertente artística não está sob o domínio total da elite, esse estilo artístico sempre será questionado se de fato é arte.

Sou mais chegado ao escracho
que ao desempenho
mais chegado à música do que a
porrada
mais chegado ao vício do que a
virtude
sou pedestre sim senhor
sou panfleta de uma sociedade
anônima
reconhecida entre os ares
pesados da cidade
Charles Peixoto

Principais nomes da poesia marginal da década de 70: Paulo Leminski, José Agripino de Paula, Waly Salomão, Francisco Alvim, Torquato Neto, Chacal, Cacaso e Ana Cristina Cesar.

Cláudio Roberto

Poesia marginal

expressão do informal

palavras

rimas

vidas

no beco ou na rua principal

afinal

ninguém nunca precisou da censura editorial

1/2 xícara de óleo ✓

uma pitada de futuro ✓

e uma colher de rebeldia ✓

misture tudo isso

e encontre a poesia !

Caroline Favotto Betoni



"você não é nada além de um espectador" by bamzin is licensed under CC BY-NC-SA 2.0.



"Image" by MarenYumi is licensed under CC BY-NC-SA 2.0.



Stencil da frase de Hélio Oiticica que se tornou o símbolo da cultura marginal. Fotografado por Athos Rubim.



"Lambe Lambe Coletivo Mais Amor Por Favor" by Fora do Eixo is licensed under CC BY-SA 2.0.

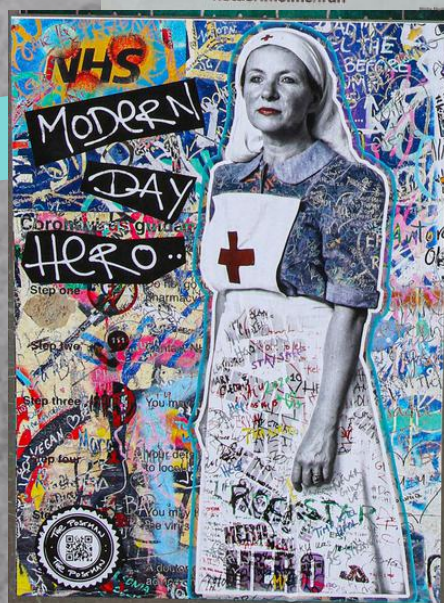
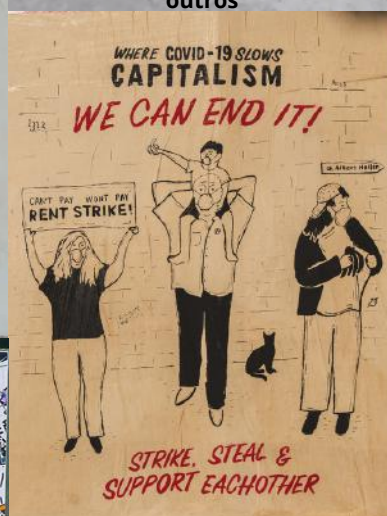
LAMBE-LAMBE, O QUE SÃO?

Com surgimento a partir da urbanização do século XIX, o lambe-lambe é uma intervenção artística que busca o debate e a atenção da população ao ser localizado em espaços públicos, sejam eles praças, paredes, bancos ou até um poste. Diferentemente dos cartazes ou pôsteres, o lambe-lambe propõe uma ideia de reflexão contrária a alguma conduta social ou desigualdade, mantendo sempre o viés crítico de um objeto de resistência, enquanto aqueles apresentam valor estético, decorativo e promocional. De fácil acesso, os lambe-lambes introduzem a arte no dia-a-dia de forma acessível e rápida, sendo produzidos pelo povo e para o povo.

"Jornalismo não é um crime"



"Onde o COVID-19 retarda o capitalismo podemos destruí-lo faça greve, roube e suporte os outros"



"Héroi moderno"



"O fogo destrói uma floresta"



Caroline Favotto Betoni



UM RITMO DE PROTESTO

A batalha de rima é uma forma de expressão artística muito reconhecida nas periferias e conquista jovens de todo o país com sua musicalidade e pautas que retratam assuntos de cunho político-social, como o racismo, a desigualdade e opressão.

Inspirada no formato dos slams, batalhas de poesia falada, originadas em Chicago na década de 1980, as batalhas de rima vieram ao Brasil no ano de 2003, com a Batalha do real no Rio de Janeiro, fortemente ligada à cultura do hip-hop e do rap (rhyme and poetry).

Desde então, a cultura das batalhas de rima tem trazido às praças e ruas do Brasil a arte da poesia e da representatividade. Os MCs encontram nas batalhas um espaço

comum para expressar suas vivências na periferia, opiniões políticas e angústias, além de ouvidos prontos para escutar o que eles têm a dizer. Essa troca de experiências e autoafirmação através da arte se faz essencial em comunidades que têm sua cultura constantemente menosprezada, acolhendo e unindo seus membros através da identificação.

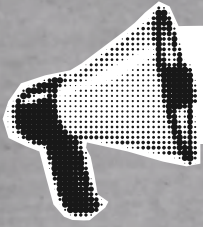
A utilização das ruas para esses eventos é, não apenas um direito desses grupos, uma vez que espaços destinados à movimentos culturais e lazer são escassos nesses locais, mas como também é uma forma de expor conteúdos artísticos de maneira acessível e gerar visibilidade ao que se é rimado.

Paula Ueno



Batalha da Alcateia
São Carlos, SP
Fotografado por
Paula Ueno

Representatividade do slam e das batalhas de rima inspira autoafirmação da juventude periférica.



Arte Falada

Edgar Fabrício e Alice Matias: Batalha da Alcateia

Qual sua motivação para organizar as batalhas?
Como foi seu primeiro contato com as batalhas?

Alice:

A motivação é amor demais. Quando eu cheguei na batalha, eu tinha 17 anos, estava finalizando o ensino médio, e não tinha noção do que ia acontecer com a minha vida. Saindo da escola, eu conheci um novo mundo. Conheci muitas pessoas, viajei para milhares de lugares e vivi coisas que jamais imaginei que viveria nessa época. Eu estou toda quarta-feira aqui com tanta vontade de ver os MC 's rimarem, e pensar em tudo que a gente já construiu em projetos com escolas, tantas pessoas que já nos falaram: “Nossa vocês mudaram minha vida”. Estamos gerando cultura pra molecada que, nessa idade, não tem muita coisa pra fazer. A molecada vem pras batalhas.

Edgar:

Quando eu era muito novo, com uns 15 anos, aqui em São Carlos, até aconteciam alguns rolês. Na Praça dos Pombos, “colavam” com uma caixa de som e rolavam umas batalhas de dança, mas não era um evento tão cultural, era uma batalha mais livre, o pessoal estava mais naquela onda do freestyle. Mas aí, em algum momento “deu ruim”, alguém fez alguma merda, e a polícia começou a reprimir esses rolês. E a partir daí foi assim que aconteceu: a juventude se reunia em algum lugar por um tempo e depois a polícia aplicava a repressão. Eu venho aqui hoje porque eu acho que o pessoal mais novo com 18, 17 anos, até 20, 21, tem que ter um lugar pra “colar” que seja um rolê diferente, a gente faz o máximo possível pra manter o nível, não ter nenhum tipo de opressão e manter uma roda com muita troca de conhecimento, que seja realmente uma oportunidade de aprender. Diferente de outras músicas famosas, não menosprezando a cultura do funk, mas como um exemplo mais recente que tem letras do tipo: “Botei de ladinho, botei atrás e na frente”. A minha motivação é oferecer um entretenimento de qualidade para o jovem são-carlense, não tem nenhum outro objetivo envolvido nisso, por que é o nosso dinheiro que vai, a gente sempre gasta dinheiro para estar aqui.

Alice:

Estamos há 5 anos aqui, movimentando a cultura sem nenhum financiamento. A prefeitura não dá nada, não fornece nem um banheiro para a gente usar. A caixa de som a gente conseguiu comprar porque ganhamos um concurso do Estado, mas isso só aconteceu no segundo ano de pandemia (2021). Antes disso, nos três primeiros anos, tinha a caixa que o pessoal trazia, a gente conseguia contato com o pessoal que tinha, mas sempre foi totalmente independente, sem apoio. Até conseguimos transporte quando um dos MC 's daqui chegou no campeonato estadual, mas até chegar nesse campeonato, a gente correu sozinho, conseguimos um ônibus e levamos 45 pessoas da cidade para um MC rimando lá em São Paulo. Foi muito bacana, mas sempre foi um corre muito independente.

O que faz a Batalha ser um movimento artístico?

Edgar:

Eu acho que é a expressão das mazelas da população trabalhadora brasileira pelas rimas. A batalha é um movimento de trabalhadores para trabalhadores. Aqui não temos um acesso a burguesia extrema da cidade, em São Carlos existe uma burguesia bem estabelecida. Aqui a gente não fala diretamente com a high society, há algumas exceções de pessoas que se interessam pela cultura, mas não é o usual. O usual daqui são trabalhadores falando para trabalhadores. É daí que sai a veia artística da batalha. Porque é uma arte? Porque expressa as mazelas da comunidade, ao mesmo tempo que entretém.

Alice:

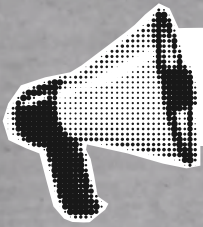
E não só a classe trabalhadora, como a molecada da periferia, que poderia estar fazendo qualquer coisa pela rua, mas que está na roda de rima, trocando ideia com pessoas mais velhas.

Edgar:

É uma molecada que tem 14, 16 anos, que já está pensando em trabalhar, porque precisa dar uma grana em casa e aparece na batalha, tem contato com uma galera mais velha, que já está a um tempo sustentando uma casa, alguns têm filhos e podem compartilhar suas experiências com os mais novos.

Alice:

É um espaço para todo mundo trocar todo o conhecimento que tiver vontade de trocar, é um espaço muito livre.



Arte Falada

Quais os impactos da Batalha para os participantes e para a comunidade?

Edgar:

O impacto é duplo: o participante se sente integrante de um todo e a comunidade pode realmente ter um senso de grupo. Antes não existia uma comunidade formada com a galera de São Carlos, por exemplo, nesse rolê que eu citei em que o pessoal “colava” e faziam a batalha de dança, não tinha uma organização que integrava todos os candidatos e que promovia uma cidadania em cima disso. Nesse momento a gente está na fase de promover a cidadania. O pessoal que é daqui pode “colar” na batalha e realmente ter acesso à produção cultural da cidade, e o pessoal que produz pode estar aqui expondo suas rimas para eles. Isso não havia no primeiro momento.

Agora que conseguimos desenvolver isso, podemos focar nos próximos passos: a expressão da comunidade através da arte, a validação da comunidade



Batalha da Alcateia, São Carlos, SP.
Fotografado por Paula Ueno.

através da arte e as reivindicações da comunidade através da arte. O primeiro é construir essa atuação junto à comunidade, que já conseguimos estabelecer, o segundo é formar nessa comunidade uma unidade de pessoas que se enxergam enquanto participantes de uma mesma manifestação cultural e, a partir disso,

conseguir reivindicações. Já conseguimos o documentário que foi produzido pela UFSCar sobre a Batalha da Alcateia, o “Quarta tem Batalha” e queremos conseguir várias outras coisas. Agora conseguimos um ônibus e vamos levar o pessoal para o regional, então temos um certo diálogo com o poder público nesse sentido, mas só porque a gente busca. O poder público meio que ignora, deixa a gente à margem, apesar de fazermos bastante pela população.

Alice:

A gente ainda tem essa margenzinha de contato com o poder público porque carregamos muito material. Além desse documentário, temos parcerias e um documentário com o Sesc, temos parcerias com escolas, em que já levamos rodas culturais pra molecada, e na praça semanalmente. Como eu cheguei na batalha quando ela nasceu, e senti essa rede de contatos se formando ao meu redor, eu tento me esforçar ao máximo pra levar isso pra galera que “cola”, levar essas redes e facilitar o que já foi difícil.

Edgar:

Um grande impacto para a gente foi no lançamento do documentário, porque quando o pessoal teve um lastro na realidade, uma obra que eles poderiam se identificar, trouxe um maior senso de comunidade pra rapaziada.

Alice:

As pessoas que estavam assistindo eram basicamente a galera que colava aqui antes disso se expandir em algo para levarmos no currículo. A galera que colava, que participou, se vendo num documentário, num filme, criado pela universidade pública daqui de São Carlos!

Edgar:

Isso é uma coisa totalmente irreal para uma pessoa que sai do ghetto.



Batalha da Alcateia
São Carlos, SP. Fotografado por Paula Ueno

Paula Ueno

Arte no Muro

A IMPORTÂNCIA DE TOMAR PARA SI AQUILO QUE LHE FOI NEGADO: UMA DISCUSSÃO SOBRE GRAFITES, PICHACÕES E PIXAÇÕES

Os grafites, as pichações e pixações são formas de arte muito comuns no meio urbano, sendo encontradas na maioria dos muros, principalmente em regiões periféricas. A importância destas formas de expressão se mostra na retomada dos espaços. Quando os artistas são privados de ocupar galerias e museus, eles se voltam às ruas e aos muros para expor sua arte.

Muitas são as diferenças entre grafite, pichação e pixação. O grafite se preocupa com a estética, assemelhando-se muito às pinturas, enquanto a pichação já se parece mais com um poema escrito nos muros com tinta spray. A pixação, com x, segundo o autor Marcus Ramúsy de Almeida Brasil, em sua obra São Luís, patrimônio cultural entre ruínas, grafites e pichações: estética ou política?, distingue-se das anteriores pois, diferente dos poemas das pichações, que podem ser compreendidos por todos, as pixações são codificadas e só podem ser compreendidas por aqueles que detêm a bagagem sociocultural requerida.

As pichações e pixações são fortemente marcadas pela denúncia, sendo despreocupadas com a beleza dos traços, o que faz com que, até hoje,



essas formas de arte sejam mal vistas, marginalizadas e mal vistas, especialmente pelas classes dominantes da sociedade. O estigma em torno delas faz com que muitos confundam-nas com vandalismo, no entanto, elas certamente têm seu valor artístico; seus traços rápidos priorizam



a mensagem e, ao estarem nos muros, escancaram para todos que transitam as denúncias e reivindicações dos artistas (comumente de classes menos privilegiadas).

As pichações e pixações são fortemente marcadas pela denúncia, sendo despreocupadas com a beleza dos traços, o que faz com que, até hoje, essas formas de arte sejam marginalizadas e mal vistas, especialmente pelas classes domi-



"Graffiti in Rua Dom José de Barros, São Paulo, Brasil" by Leimenide is licensed under CC BY 2.0.

nantes da sociedade. O estigma em torno delas faz com que muitos confundam-nas com vandalismo, no entanto, elas certamente têm seu valor artístico; seus traços rápidos priorizam a mensagem e, ao estarem nos muros, escancaram para todos que transitam as denúncias e reivindicações dos artistas (comumente de classes menos privilegiadas).

Além disso, quando se trata apenas das pixações, é interessante salientar a importância que esses artistas dão às obras. Através de códigos e mensagens cifradas, eles são capazes de transmitir informações que só podem ser compreendidas por aqueles que fazem parte do meio, assim delimitando os territórios de diferentes grupos e sempre se desafiando a pixar em lugares cada vez mais arriscados, como nas paredes de andares altos e em construções abandonadas.

Ao estudar os grafites, pichações e pixações no centro histórico de São Luís, no Maranhão, o autor Marcus Ramúsyo de Almeida Brasil salientou que essas formas de expressão se mostram como a contribuição da juventude marginalizada para a construção visual da cidade, pondo-se em conflito com o status quo vigente em que a publicidade e o Estado dominam a paisagem. Em suas palavras:

Arte no Muro

os grafites urbanos contemporâneos instauram uma dimensão autoral dos jovens na construção da visualidade compartilhada. Essa mediação comunicativa está estabelecida predominantemente pelas instituições de controle e poder, como o Estado e a publicidade, que possuem, aqui, na cidade, a hegemonia dos espaços e dos lugares de fala, sendo, os grafites, de alguma maneira, o lugar do contradiscurso e da contestação. (BRASIL, 2020)



"Waiting for Better Days" by Diego3336 is licensed under CC BY 2.0.

Como também ressalta o autor, “as pichações e grafites são significantes estéticos, gritos visuais dos excluídos na ‘carne’ da cidade”, e a presença dessas obras em lugares que anteriormente não eram ocupados por seus autores é um símbolo da luta constante pelo direito de existir e ocupar os espaços.

Outro paralelo interessante traçado por Brasil é a condição de abandono em que se encontram tanto o centro histórico de São Luís, quanto os artistas de rua. Assim como o Estado não preza pela sobrevivência dos casarões coloniais, também não preza pela sobrevivência de sua população menos afortunada. Dessa forma, um grupo de artistas ludovicenses intitulado “Grupo Risco” traz à discussão essa problemática através dos Rorschach, que consistem em utilizar marcas da ação do tempo, como pinturas descascando ou rachaduras, para criar seus grafites. Nas palavras dele, “se o abandono e o desinteresse são a negação de ações afirmativas destinadas aos espaços públicos e às pessoas ‘comuns’, os grafites e as pichações/pixações são a negação dessa negação”.

São Luís, patrimônio cultural entre ruínas, grafites e pichações: estética ou política?

Linguagens visuais dos pichadores e grafiteiros em Alagoinhas-BA.



Pichação por Thalles Deriggi, vulgo TDZ, artista local. Fotografado por Athos Rubim

Os grafites, as pichações e pixações são unidos pelo desejo de realizar suas obras em locais arriscados e, muitas vezes ilegais, porém, os grafites acabam sendo facilmente aceitos pela sociedade devido ao seu apelo estético quando comparados às outras. Na capital paulista, por exemplo, já houveram várias tentativas do poder público de extinguir essas formas de arte, mas que sempre foram de encontro a retaliação da população, pois grande parte dela considera os grafites como parte essencial da cidade, auxiliando no embelezamento dos ambientes e dando um ar único às ruas. Em anos recentes, no entanto é possível perceber uma incorporação maior dessas obras pelo meio capitalista, algo que sem dúvidas não acontecia

nos anos 1960, quando elas surgiram. Isto se dá pela percepção de que, assim como a arte erudita, a arte de rua também está repleta de geradores de capital em potencial. Entretanto, é comum que as instituições vigentes incorporem as obras, mas continuem excluindo os artistas, devido ao lugar social que ocupam. Este foi o caso do artista João França, conhecido como Mia, que pichou a frase “olhai por nois” na fachada do Pateo do Collegio, em São Paulo. Sua obra foi fotografada, segundo ele, sem autorização, e a fotografia foi exposta na 15ª edição da SP-Arte, o maior evento de arte da América Latina. Quando tomou ciência da fotografia e de que ela seria exposta no evento, por meio do fotógrafo que o contactou, Mia fez algumas exigências, como dobrar o valor de venda da imagem e repassar metade para ele.

Porém, suas demandas não foram acatadas, e o artista de rua se viu forçado a realizar outra intervenção, dessa vez na própria SP-Arte.

Em suma, fica clara a importância dos grafites, pichações e pixações; elas são formas de arte únicas, feitas do povo para o povo. Sua proposta não é ser exposta nos grandes museus ou galerias, mas sim estampar as ruas, para que todos os que passem por ali vejam, e não possam deixar de ver, as demandas e as reivindicações das populações marginalizadas

Athos Rubim

Foto que retrata obra de artista negro é vendida sem autorização do autor.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA URBANA

Certa vez, andando pelo centro da cidade, não me lembro o dia exato, observei uma paisagem "fotografável": eram duas mulheres conversando ao lado de um lindo grafite. Observei discretamente o ambiente e a sua relação com aquelas mulheres e então comecei a prestar atenção na conversa das duas. A palavra "trabalho" talvez seja o motivo de suas principais lamentações.

Após o fim do expediente, por volta de 18h00min, aquelas duas mulheres resolveram sentar, talvez tragar dois a três cigarros para tentar suportar os dilemas de suas vidas. Logo, ao me aproximar, perguntei se poderia tirar uma foto delas junto ao grafite, dizendo que daria um bom enquadramento para a foto. Uma delas, desconfiada com o uso da sua imagem no celular de um estranho, logo hesita de primeira, mas explico

que seria usada somente para fins acadêmicos. A confiança delas logo se estabeleceu.

Posicionei-me à frente das duas, o enquadramento estava desenhado, as duas mulheres no canto da foto, mais precisamente entre os pontos das leis dos terços, dois enormes ares-condicionados acima de suas cabeças e o lindo grafite ao seu lado.

Aquele clique, para mim, parecia ter somente um fim: estético. Era uma foto qualquer, um clique qualquer, até eu mostrar a elas. Um espanto e uma frase. Uma delas indagou: "Nossa, nem sabia que tinha esse ar condicionado e essa pintura aí". O espanto, claro, era o meu, como alguém sentou debaixo de um ar condicionado gigantesco e não o notou? Como alguém sentou ao lado de um grafite tão marcante e simplesmente não o notou?

Logo, a caminho de casa, fui refletindo sobre aquela foto e sua respectiva situação. O que para mim seria uma simples foto do cotidiano do centro de uma cidade, acabou virando um estudo existencial na minha cabeça. Aquelas mulheres estavam tão presas a seus cotidianos, a sua mecanicidade do trabalho que não conseguiram enxergar o que estava acima delas ou ao lado de seus ombros. Talvez a cegueira seja o motivo daquelas tragadas. Às vezes, precisamos de certos vícios para preencher algumas dores da alma.

Cláudio Roberto



PODER PÚBLICO X ARTE URBANA

Quando se fala sobre arte de rua e os preconceitos ao seu redor, é impossível não lembrar da avenida 23 de maio da cidade de São Paulo. Em janeiro de 2017, seu grande mural de grafites foi vítima do projeto “Cidade Linda” do ex-governador de São Paulo,

João Doria, que entrou em vigor e teve como principal ato a cobertura dos 15 mil metros quadrados de desenhos que o mural, inaugurado em 2015, contemplava. Durante a intervenção no local, Doria prestava depoimento alegando que “os interessados em grafitar seriam apoiados pelo Estado, mas os que persistissem pichando seriam enfrentados pela lei”. A fala do ex-governador por si só é contraditória, além de reafirmar padrões socioculturais elitistas.

Primeiramente, o nome do projeto “Cidade Linda” já evidencia a ideia de que a cidade grafitada não seria bonita, e a forma de execução do projeto não condiz com a fala; Se grafiteiros iriam receber o apoio do Estado para suas produções artísticas, por que tiveram seus trabalhos apagados? Como resultado do apagamento, protestos foram organizados e o pagamento de uma indenização de R\$ 782.300 foi cobrada, valor revertido ao Fundo de Proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental Paulistano (Funcap). Além disso, no lugar dos grafites, um grande jardim vertical foi construído e abandonado pouco tempo depois, sendo possível observar seu péssimo estado de conservação – consequência da falta de manutenção e troca de mudas.

Dessa forma, infere-se que mesmo com ações de incentivo à arte urbana como o ex-governador destaca, o preconceito que esse tipo de arte sofre por camadas mais altas da sociedade ainda é explícito, e que os interesses da elite que representa a população não condizem com a vontade deste povo, que se mostrou contra a intervenção cinzenta.



Laura Cecília de Freitas

Justiça de SP condena Doria e a Prefeitura por remoção de grafites na 23 de Maio.

Ação de Doria contra pichadores reacende polêmica sobre arte urbana.



CRASH

